

## **O ensino da história através da televisão: a hibridização científico-cultural na narrativa visual e de produção do programa Diálogos Mediterrânicos<sup>1</sup>**

Carlos Alberto DEBIASI<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR)

### **RESUMO**

A divulgação científica é uma área da comunicação preocupada com a popularização ou a ampliação de público de conteúdos acadêmicos através dos meios de comunicação. Tem também uma função educacional importante pois leva reflexão e apresenta conceitos abstratos de maneira adequada a diferentes audiências. Este artigo analisa o caso do programa Diálogos Mediterrânicos, criado pela UFPRTV em parceria com o Nemed (Núcleo de Estudos Mediterrânicos) vinculado ao curso de história da UFPR. O produto foi fruto do esforço dos professores do Núcleo que trouxeram o conhecimento e o apuro acadêmico ao programa e os jornalistas da UFPRTV que trabalharam para a adaptação desse conteúdo em um formato que fosse adequado ao público-alvo da emissora. O programa Diálogos Mediterrânicos fala a respeito das inúmeras contribuições e hibridizações realizadas pela filosofia mediterrânica nas Américas, quando entrou em contato com outras civilizações.

**PALAVRAS-CHAVE:** divulgação científica; televisão; história; comunicação.

### **Introdução**

A televisão vive uma crise na atualidade – ou pelo menos é isso que se alardeia em vários discursos do mercado e de estudiosos da comunicação. A escolha pelo ambiente digital, a falta de interesse das novas gerações para com o aparelho, a existência de alguns lares nos quais a TV não se faz presente, a migração das verbas publicitárias e de investimento em novos produtos para a internet, a queda dos índices de audiência na TV aberta: os motivos são muitos para o anúncio de que a TV se já não deixou, está deixando de ser o meio de comunicação hegemônico no Brasil. Ainda que algumas análises simplesmente esqueçam de levar em conta dados importantes como o fato de que mais de sessenta por cento dos investimentos em propaganda ainda estejam na televisão<sup>3</sup> e que o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Professor Assistente do Curso de Publicidade e Propaganda da PUC-PR, jornalista televisivo da televisão da Universidade Federal do Paraná (UFPRTV) e doutorando do programa de Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e-mail: [carlos.debiasi@grupomarista.org.br](mailto:carlos.debiasi@grupomarista.org.br).

<sup>3</sup> Em 2018, foram investidos R\$ 26,9 bilhões em verbas de divulgação publicitária em TV enquanto nos ambientes online o valor foi de R\$ 11,7 bilhões. Disponível em:

---

impacto da baixa audiência dos jovens no meio responde por uma migração do uso de serviços de *streaming* que, guardadas as proporcionalidades, são basicamente ambientes virtuais com produtos televisivos que são consumidos de maneira passiva, o discurso do fim do reinado da televisão segue forte.

Não faltam críticos a esse modelo tradicional, sejam eles publicitários, agentes de comunicação, jornalistas ou outros trabalhadores do meio. Antes que seja visto com dados concretos, esse movimento de descrédito é comum a períodos de embate de meios – e não necessariamente de transição – uma vez que esse movimento ainda não aconteceu com tanta precisão no Brasil.

Se essa é a perspectiva quando o assunto é a televisão aberta, quando adentramos o campo de produção e divulgação científica através de programas televisivos no âmbito universitário, o assunto da visibilidade se torna ainda mais agressivo. Na visão de muitos, produzir esse tipo de material é uma batalha fracassada. É como fabricar rodas quadradas quando as condições de produção já são claramente de objetos redondos. Uma frase comum – e absolutamente amarga – é ouvir que não adianta criar programação desta maneira, simplesmente *porque ninguém vai assistir*.

Ainda que ouvir uma opinião tão contundente deixe quem pesquisa e produz conteúdo nesse espaço desanimado a princípio, é preciso compreender vários fatores que levam à essa ideia. A divulgação científica no Brasil nunca foi fácil independente dos meios pelos quais ela é feita – reflexo direto da igual dificuldade em se fazer ciência no país. No passado havia uma dificuldade de publicação caracterizada pela impressão dispendiosa de periódicos, a falta de interesse por parte dos meios de comunicação eletrônicos privados pelo tema, o modelo de televisão pública. Por sua vez, no presente os problemas não são de publicação, mas de circulação: a posse de grandes conglomerados de informação digital priorizam outros tipos de conteúdo. Todos esses aspectos criam barreiras de ação que, somadas às questões anteriores não resolvidas, são uma montanha difícil de ser transposta pelos produtores de divulgação científica no país. Antes havia o problema da *inexistência* dos produtos; hoje há a *invisibilidade*.

A partir desta problemática, este artigo procura trazer alguma contribuição ao tópico. Será trazida a análise e relato de produção de um programa de formato documental para a televisão intitulado *Diálogos Mediterrânicos*. Projetado para ser uma série com cinco episódios, o programa foi concebido em parceria com os jornalistas da Televisão

da Universidade Federal do Paraná (UFPRTV) e os pesquisadores do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (Nemed), do programa de pós-graduação em História da UFPR. Como sinopse, o programa fala sobre as várias características da cultura mediterrânica que encontram ressonância no Brasil e também a maneira como foram significados e resignificados. Esta interessante junção entre jornalistas – acostumados com a adaptação do conteúdo científico para os meios – e pesquisadores – acostumados com o aprofundamento de seus estudos sobre determinados tópicos porque buscam trata-los sob o rigor científico –, acaba por gerar um produto híbrido que também fala a respeito dos hibridismos culturais, tal qual pesquisadores como Barbero (2009) e Canclini (2000) debatem ao perceber a maneira como existem imbricações culturais inquietantes no cenário latino-americano atravessado por metrópoles supostamente globalizadas mas que guardam resistências locais ou ainda apropriações dos meios de comunicação que se afastam da lógica imediatista do lucro e do capital.

O intento deste relato não é sanar problemas no próprio modo da divulgação científica como o acesso ao público, circulação e prestígio deste tipo de formato na realidade brasileira. Porém, a ideia é apontar caminhos nas quais a divulgação científica se torna possível através dos meios de comunicação de uma maneira múltipla: não como discurso traduzido pelos profissionais de comunicação a respeito de uma pesquisa, nem como comunicação científica realizada a nível de seus pares pelos pesquisadores. O programa *Diálogos Mediterrânicos* se coloca em outra chave de leitura: na perspectiva dos pesquisadores que encontram nos microfones e nas imagens da televisão a forma de divulgar e ampliar os horizontes de divulgação de seus temas de trabalho cotidiano e dos jornalistas que utilizam da lógica de produção televisiva para criar conteúdo gratuito e de qualidade – ainda que em um ritmo absolutamente mais lento que em uma TV comercial por conta da falta de uma equipe maior ou infra-estrutura. Pois, em última análise, assim como García-Canclini (2000) observa a visibilidade maior de questões sensíveis ao latino-americano ao observar os corpos que tentam atravessar a fronteira entre México e Estados Unidos, também se pode discutir, em outro contexto mas tendo o mesmo conceito em mente, a divulgação científica através da encruzilhada entre os pesquisadores e os produtores de conteúdo para os meios de comunicação.

### **A questão da divulgação científica**

As imbricações da ciência e da tecnologia na sociedade criam relações complexas na vida cotidiana. A narrativa do valor da ciência como capital quantificável e necessário

ao progresso de um país ou região se faz presente no senso comum – ainda que os meios de comunicação na maioria das vezes coloquem a questão como imprescindível à política dos países desenvolvidos e deixem a ciência feita no Brasil como periférica e relegada a um campo com pouco prestígio. Essa lógica tem fundamento na concepção clássica da construção do conhecimento científico positivista (derivado dos movimentos filosóficos a partir do século XVII) que vê a ciência como parte “desinteressada” do mundo. Da mesma forma, o desenvolvimento tecnológico também agregou essa visão ao realizar uma cisão entre quem trabalha na ciência e a sociedade que faz uso dela. A visão simplista da lógica “acumulativa” afirma que a ciência inexoravelmente conduz a um caminho de desenvolvimento.

Nesta visão clássica a ciência só pode contribuir para o maior bem-estar social esquecendo a sociedade, para dedicar-se a buscar exclusivamente a verdade. A ciência, então, só pode avançar perseguindo o fim que lhe é próprio, a descoberta de verdades e interesses sobre a natureza, se se mantiver livre da interferência de valores sociais mesmo que estes sejam benéficos (Linsingen et al, 2003. p.121)

É preciso sublinhar que essa visão, ainda que em muito superada no campo de CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) é sempre narrativa farta para o pensamento e promoção de políticas públicas. É comum, por exemplo, perceber no discurso político corrente durante uma campanha ou mesmo quando os governantes prestam contas à sociedade. No caso dos meios de comunicação, esse tipo de filosofia da ciência como algo desinteressado do social – mais visível em pesquisas de alto valor agregado como as ciências cosmológicas, médicas e de engenharia de grandes construções por exemplo – é recorrentemente tratado com ares de curiosidade e fantasia em telejornais e documentários. Há de se dizer que esse tipo de ciência possui valores intrínsecos importantes dentro de suas áreas do conhecimento; porém é gritante que outras pesquisas com igual rigor mas provenientes de campos de estudos sociais ou mesmo de áreas aplicadas mas com incidência direta na resolução de problemas locais e urgentes sejam sequer reconhecidas como ciência pelos meios de comunicação e pela sociedade em geral.

O valor mercadológico da ciência – assim como a atenção e o questionamento de parcelas da sociedade sobre os usos desses desenvolvimentos para o progresso - chama a atenção de Albagli (1996) ao discorrer sobre o interesse contemporâneo pela divulgação científica. Segundo a autora, as experiências negativas com relação ao meio ambiente e à utilização política de algumas implementações como a energia nuclear, o aquecimento global e a exploração desmensurada de atividades industriais ao redor do mundo fez com

---

que se questionasse esse conceito acumulativo da ciência e da tecnologia inexoravelmente usada para o progresso. Com isso, pesquisadores e também setores da mídia passaram a se preocupar com a divulgação da ciência visando o debate público. Nessa perspectiva – que não perfaz a totalidade dos conteúdos de divulgação científica existentes – tanto pesquisadores quanto profissionais da mídia procuram tratar o tema com uma visão que vai além da simples *tradução* de conceitos para o público geral.

se antes os agentes de divulgação científica atuavam como meros "tradutores" da linguagem científica, agora e cada vez mais, eles orientam seu trabalho para esclarecer a sociedade a respeito dos impactos sociais da ciência e tecnologia. (Albagli, 1996, p.400)

Albagli também alerta para a falta de mensuração e estudos mais aprofundados a respeito dos impactos dos conteúdos científicos divulgados através dos meios de comunicação pois, ainda que exista a possibilidade de oferecimento desses conteúdos para o público, é difícil afirmar com precisão de que maneira os espectadores identificam e se relacionam com eles, gerando significado e reflexão em seu meio social mais próximo. Haveria aqui, portanto, uma imprecisão nessa relação: mesmo que os pesquisadores e profissionais estejam cientes do discurso crítico a ser tomado – de que a ciência não conduz inexoravelmente ao progresso, de que é preciso localizar as implementações tecnológicas dentro de uma sociedade, analisar a sua criticidade, etc. – é possível que os espectadores não interpretem esses materiais dessa maneira. Logicamente, existem várias outras questões a serem observadas como o próprio acesso dos indivíduos a fontes de informação fidedignas e também a própria percepção crítica desses públicos. Mas não deixa de ser mais uma das inquietações nesse mundo norteador pela expressão do *ninguém vai ver*.

A inquietação a respeito da necessidade de adaptação do conteúdo científico na televisão pode ser vista também em Siqueira (2008), quando a autora afirma que o meio possui características muito positivas no reforço à educação mas que poucas são as iniciativas brasileiras de sucesso na área. Em um meio povoado por conteúdos dinâmicos do ponto de vista visual mas ao mesmo tempo reforçador de estereótipos e modos de ver o mundo de forma simplificada, os produtores de televisão criam programas que acabam por distanciar a ciência ao invés de divulgá-la. Popularizam preconceitos de algo distante da realidade do telespectador, em narrativas confinadas ao ambiente dos laboratórios, feita de personagens fictícios cuja expressão excêntrica se torna marca da prepotência e da impossibilidade de acesso ao conhecimento. No que diz respeito ao documentário ou

---

grande reportagem – e aqui são importantes mas igualmente problemáticos conteúdos como *Globo Repórter* ou *Domingo Espetacular* na TV aberta – o conhecimento científico aparece muitas vezes com um viés teleológico no qual o desenvolvimento e futura aplicação na sociedade aponta soluções que inexoravelmente irão contribuir com o progresso ou que estão disponíveis em outras realidades diferentes da periferia que sofre com problemas de solução mais complexa e lógica subdesenvolvida se comparada aos grandes centros.

Como apontaram pesquisadores como Martin-Barbero (2009), existem várias fontes de interesse que promovem a mediação do indivíduo com a realidade. Desde seus círculos mais íntimos aos relacionamentos que trava na sociedade diariamente, as pessoas criam identidades diferentes dependendo das visões de mundo oferecidas nessas esferas diversas. Para ele, o espaço que os meios de comunicação ocupam na rotina são indubitavelmente importantes – já que a construção dessa identidade é feita de maneira fragmentada – mas é preciso nunca perder do horizonte todas as outras. São como as táticas e estratégias apontadas por Certeau (1994) ao observar como as classes menos favorecidas socialmente travam com as regras instituídas: do trabalho formalmente estabelecido (estratégia), o operário leva peças defeituosas para sua casa e constrói com elas uma escultura, dando-lhe uma nova significação subversiva (tática). E não poderia ser diferente ao que os dois autores afirmam se levarmos em conta essa interação dos indivíduos com a sociedade: afinal de contas, não é somente nos ambientes formais de ensino onde acontece o aprendizado - é no contato com as diversas esferas de convivências presentes ao seu redor. E logicamente essas muitas mediações passam pelos meios de comunicação, em especial com aqueles com um apelo visual como a televisão. Como afirma Elis Cashmore, “nossa linguagem ecoa a linguagem da TV; o modo como nos vestimos reflete as imagens da TV. Não é uma afirmação exagerada dizer que nos tornamos conscientes do mundo por meio da TV”. (Cashmore, 1998, p.14). Nessa perspectiva está também imbricado o imaginário político e econômico da televisão: um meio que prima pela fascinação através da imagem mas está ligada ao imaginário do fascínio e da venda – de produtos pela publicidade, da ideologias pelas narrativas, de modo de vida pela postura de suas *talking heads*, de visões de mundo pela notícia. Dificilmente temas como a educação, divulgação científica e tecnológica são prioridades nesses planos de negócios.

Se a televisão é importante como meio de comunicação brasileiro, igualmente importante deveria ser a divulgação científica nesse meio. Ainda que os grandes

conglomerados de comunicação não tratem do tema com tanta precisão, isso não significa que não existam outras formas de criação de conteúdo no país. Segundo Bueno (2009) vem das universidades importantes esforços de divulgação científica no Brasil. A união dos profissionais de comunicação que trabalham nas universidades no setor público e terceirizado, os professores e estudantes dos cursos de comunicação e até mesmo outros setores que tenham interesse em divulgar as suas pesquisas fazem do ambiente acadêmico um importante polo de estudo e prática da divulgação científica. Ainda que existam várias publicações que tratem sobre o tema em grandes empresas de comunicação privadas, são as instituições de ensino público que empreendem projetos para a popularização da ciência de forma irrestrita, fornecendo acesso amplo e gratuito aos conteúdos. Dentro dessa perspectiva, iniciativas como a Rede Ifes, um sistema de comunicação integrado entre dezenas de instituições de ensino superior brasileiras para a produção e o intercâmbio de conteúdos<sup>4</sup> ou ainda a revista Ciência Hoje são formas de criar conteúdos educacionais visando o público em geral. Algumas outras iniciativas podem ser observadas em âmbitos mais restritos como a TV Escola, presente em sinal aberto em algumas localidades do país ou pela antena parabólica ou mesmo a TV Paulo Freire, ligada à Secretaria de Estado da Educação do Paraná que cria conteúdos voltados à educação no estado. É através dessas e outras várias iniciativas ao redor do Brasil que a televisão educativa se mantém na missão de propagar a divulgação científica insistindo sempre no alargamento de suas audiências.

### **As várias hibridizações**

A criação do programa *Diálogos Mediterrânicos* está vinculada à UFPRTV, canal de propriedade da Universidade Federal do Paraná no ar desde 2002 na grade de programação da TV a cabo local e desde meados de 2011 nas redes sociais como o YouTube<sup>5</sup>. A ideia da produção partiu dos pesquisadores do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (Nemed) como forma de levar os temas debatidos somente no âmbito

---

<sup>4</sup> Encabeçada pelas universidades federais do Paraná, Rio de Janeiro, Goiás e Ouro Preto, a rede funciona em mais de uma dezena de instituições de ensino superior no brasileiras, vinculadas às suas respectivas TV's universitárias, exibindo conteúdos produzidos pelas equipes de jornalismo das universidades. Para saber mais sobre a proposta, visite o site: <http://www.tv.ufpr.br/portal/quem-somos/rede-ifes/> (acesso em 01/05/2019)

<sup>5</sup> O canal do Youtube da UFPRTV conta com cerca de 25 mil usuários inscritos e soma mais de 3 milhões de visualizações em seus vídeos. O conteúdo pode ser acessado através do link: [www.youtube.com/TVUFPR](http://www.youtube.com/TVUFPR) (acesso em 04/05/2019)

---

acadêmico para um público mais estendido tanto dentro da universidade quanto para curiosos em fatos históricos. Dedicado aos estudos clássicos e desdobramentos medievais da região do Mediterrâneo europeu, o grupo também procura fazer aproximações com a história contemporânea fora dessa região, investigando as diversas manifestações culturais, políticas e científicas que podem ser vistas no Brasil<sup>6</sup>. Nesta perspectiva, apesar dos pesquisadores terem trazido as ideias da série de programas tratando de eixos temáticos específicos como a cidade – tema do primeiro episódio e objeto deste artigo -, a universidade, guerra e religião, o roteiro do programa precisou ser desenvolvido de maneira a criar uma coesão narrativa. Em um primeiro momento, houve a necessidade da transposição do pensamento complexo permeado por processos historiográficos e termos próprios da área para uma linguagem mais acessível, revestida pelo próprio modo de ser do meio televisivo – que requisitava uma narrativa coesa e dinâmica.

Neste movimento de aproximação, impossível não perceber de que maneira os conceitos de hibridização cultural se tornavam presentes. Pensado por autores provenientes da corrente dos Estudos Culturais – que teve início na Inglaterra no final dos anos 50 com a análise e estudo de objetos e práticas sociais operárias e populares, esta linha de pensamento ganhou inúmeros adeptos ao redor do mundo -, o termo encontra várias acepções que acalentam debates entre os pesquisadores dessa área do conhecimento. Cabe aqui somente trazer três visões a respeito desse processo que encontram ressonância no objeto estudado. Burke (2010) afirma que existe uma espécie de sociologia da hibridação que merece ser melhor mapeada uma vez que quando existe o encontro entre duas ou mais culturas existem indivíduos que participam dela de maneira mais efetiva que outros. Isso acarreta efeitos variados, na forma de encontros entre iguais e desiguais, tradições de apropriação e de resistência em encontros que acontecem nas metrópoles e em culturas de fronteira.

García-Canclini (2000) aprofunda a visão de Burke ao afirmar que a hibridização na cultura é mais profunda ainda que a suspeita de que alguns indivíduos – ou grupos – se recusam à integração. Analisando os espaços urbanos latino-americanos do final do século passado, ele vê que existe não só integrações mas também muitas resistências. O global nesse caso traz também a questão da *des-territorialização*, seja ela voluntária – a apropriação de tecnologias móveis para informar uma comunidade substituindo formas

---

<sup>6</sup> Mais informações a respeito dos desdobramentos, estudos e demais materiais produzidos podem ser consultadas no site do grupo: <http://nemed.he.com.br> (Acesso em 07/05/2019)

---

anteriores de comunicação – ou forçada – a perda de território por conta de desapropriação de terras, os imigrantes que fogem da miséria.

todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento”. (García-Canclini, 2001, p.348)

Por fim, Martin-Barbero (2004) vai trazer a variável da hibridização para o ambiente dos meios de comunicação. Segundo ele, são eles importantes espaços para se entrever esses processos pois não demonstram os efeitos de maneira massiva, tal como se esperava nas teorias clássicas da comunicação, mas de maneira desigual. Existem várias formas de se fazer essa observação. Porém, para Barbero, seu deslocamento mais fecundo se encontra no estudo das telenovelas, que ele define como aquilo no qual se faz “evidente o melhor e o pior da cumplicidade entre o popular e o maciço (...) neto bastardo da tragédia grega e da pantomima melodramática em que, à maneira da rua, se encenou a Revolução Francesa” (p.25). É o que melhor demonstra o conceito de “residual” da hibridização, em dois sentidos: naquilo que sobra depois que tudo de valor lhe é tirado e também naquilo que, conforme Williams define, ressoa ainda algo do passado que resiste a se fundir com o novo. Essas três perspectivas de hibridização – a do encontro entre iguais e desiguais, da des-territorialização e dos meios de comunicação – permitem observar o objeto de estudo tratado nesse artigo.

### **Estudo de caso: dialogando com a história**

O programa *Diálogos Mediterrânicos*<sup>7</sup> pretende ainda ser uma série com cinco episódios em torno de quarenta e cinco minutos de duração cada um. O tema abordado no primeiro episódio foram os marcos das cidades.

O tema do meio urbano foi escolhido pois se trata de matéria de estudo intenso nas ciências sociais<sup>8</sup> e se torna assim, um importante aspecto para ser considerado como

---

<sup>7</sup> O programa completo pode ser visualizado no seguinte link a seguir. Quaisquer comentários podem ser feitos para futuras edições do material. Este conteúdo, assim como todos os outros de propriedade da UFPR TV comungam de licença *Creative Commons* e podem ser usados gratuitamente para atividades sem fins lucrativos. Programa *Diálogos Mediterrânicos* – Episódio Marcos da Cidade: <https://www.youtube.com/watch?v=uyvFBvDoQQ4> (acesso em 08/05/2019)

<sup>8</sup> Muitas discussões engendram a questão da cidade. A título de ressonância com essa pesquisa estão as obras *Os centros Urbanos* de Edward L. Glaeser, a coletânea de artigos a respeito do cinema no início do

divulgação científica. O roteiro foi elaborado a partir de intervenções e observações dadas pelos professores do Nemed que trataram dos vários elementos da cultura mediterrânica que se formaram na Antiguidade Clássica e no Período Medieval nessa região da Europa. São vários possíveis os pontos de encontro entre as diversas culturas que compõem a narrativa do programa. Por conta do espaço exíguo deste artigo, será necessário dar destaque a apenas alguns deles.

Uma das preocupações durante a produção foi fazer com que se tornassem claras as várias ligações criadas entre as culturas. Assim, preferiu-se trabalhar através da explicação de conceitos importantes e de fácil visualização para o público em geral. Por exemplo, A *Pólis*, o paço municipal, as igrejas, prisões, palácios e áreas urbanas comuns são implementações que foram sendo agregadas ao longo de vários séculos – e não são de forma alguma estruturas concomitantes em seus usos e descontinuidades na história. As cidades são vistas também como formas vivas que se expandem e se contraem, dependendo de vários fatores que lhe circundem como a falta de recursos naturais e conflitos por um lado ou o excesso de produção e riquezas por outro. Outro ponto importante a ser ressaltado é que o mundo mediterrâneo não possui uma homogeneidade de formação, tendo sido formado e influenciado por povos diferentes provindos do sul (as várias manifestações do mundo árabe) e do norte (os povos bárbaros que dominaram o império romano, por exemplo). Dessa maneira foram as intensas trocas culturais, negociações e conflitos que fizeram com que a história do mediterrâneo sofresse diversas alterações ao longo de sua trajetória.

De maneira geral, o primeiro bloco do programa foi projetado para apresentar e debater esses conceitos. Os professores se revezam nos comentários – que foram produzidos no espaço de uma biblioteca<sup>9</sup> - e são entremeados com imagens que tanto foram captadas especificamente para o programa quanto fazem parte do acervo da TV. Houve também a criação de animações (ver fig.1) para ilustrar melhor determinados conceitos como a *Pólis Grega* ou as leis no império romano. Esse recurso, apesar de ter aumentado consideravelmente o tempo de produção, serviu para enriquecer o material de maneira ímpar. Todas as imagens foram pesquisadas e aprovadas junto aos professores do Nemed, que trouxeram a sua visão crítica a respeito do material.

---

século XX presentes em *O cinema e a invenção da vida moderna*, de Leo Charney e Vanessa R. Schwartz e *A cidade na história*, estudo exaustivo sobre o tema empreendido por Lewis Mumford.

<sup>9</sup> Há de se observar aqui, desde já, que a escolha não foi uma das mais felizes pois acaba por afastar o espectador, colocando o conhecimento em um distanciamento clássico. Para os novos episódios serão realizadas filmagens em outros espaços que falem mais a respeito do objeto de estudo em específico.

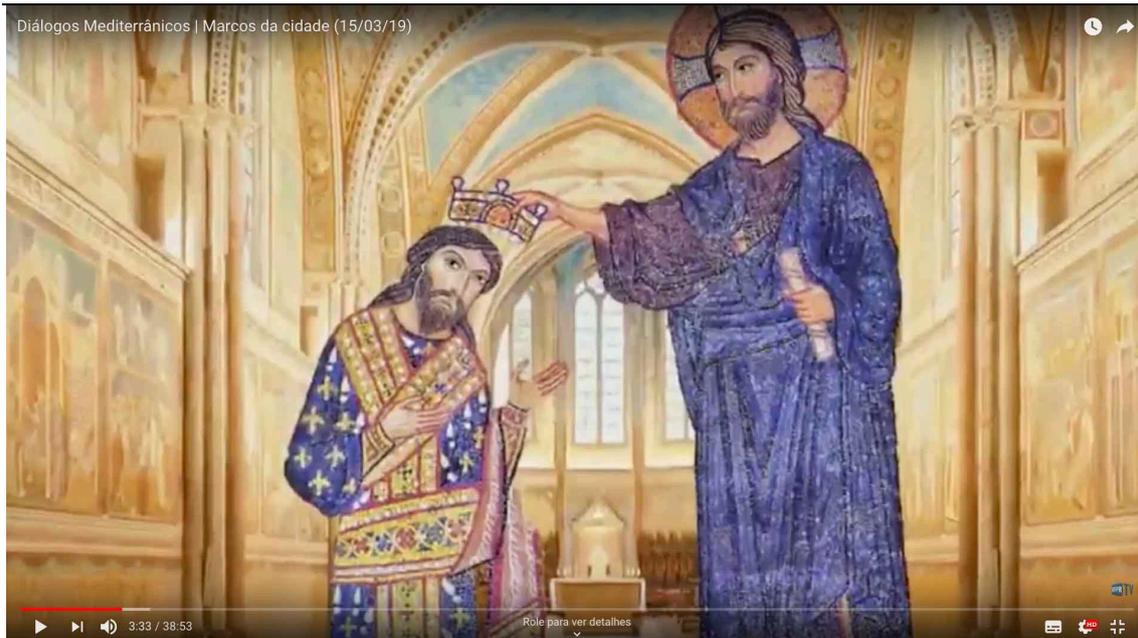


Figura 1 – Animação presente no programa de TV Diálogos Mediterrânicos  
Fonte: UFPRTV (2019)

No segundo bloco do programa, a narrativa recai sobre a chegada dos portugueses e espanhóis no território da América Latina. O choque entre as diferentes civilizações é apresentada de forma didática na tela através de barcos que atravessam o oceano em um mapa de época (ver fig. 2) – mas que poderia ser aproximado às cartografias imprecisas das quais Martin-Barbero (2009) chama de *mapa noturno* feito às apalpadelas, com fronteiras imprecisas que nunca se definem. A ideia faz sentido porque, do ponto de vista histórico<sup>10</sup> não se trata de um mundo europeu feito de conceitos homogeneizados que encontra um mundo indígena intocado: fala-se de múltiplos encontros entre grupos que produzem diferentes imbricações culturais (o extermínio, a doença e a guerra mas também a mudança de visão de mundo, os novos produtos culturais, o fluxo de pessoas, etc). Há uma perspectiva da intercultural – em oposição à multiculturalidade que pressupõe a hibridização pacífica e total de duas ou mais culturas, abertas à resignificação -, nos termos usados por García-Canclini (2005):

a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois

<sup>10</sup> Ainda que Martín-Barbero e García-Canclini estejam pensando as relações sócio-culturais da América Latina contemporânea é impossível não relacionar o pensamento da hibridização cultural à época dos descobrimentos. Afinal de contas, ainda que não exista uma sociedade globalizada, é nessa época que os fluxos de comércio e pessoas começam a se intensificar e a relação de desigualdade (não só econômica, mas de pensamento e visão de mundo) entre as nações europeias e o resto do mundo começam a ser desenhadas.

---

modos de produção social: multiculturalidade supõe aceitação do heterogêneo; interculturalidade implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito empréstimos recíprocos. (García-Canclini, 2005 p.17)

Para este segundo momento foi convidado Igor Chmys, professor aposentado do curso de Antropologia da UFPR e que realizou inúmeras pesquisas arqueológicas em Curitiba, região metropolitana e outras partes do estado do Paraná. A ideia era que o pesquisador pudesse trazer uma visão a respeito da maneira como os colonizadores portugueses e espanhóis interagiram com os indígenas no caso da fundação da cidade. Durante a entrevista, o professor revelou fatos importantes a respeito desse tópico como por exemplo a imprecisão a respeito do marco-zero da cidade, posicionado hoje em dia na praça Tiradentes, centro da cidade. Na realidade, as suas pesquisas exploratórias na região – já que conseguiu escavar em algumas situações especiais nas quais alguma rua passava por obras ou em raros terrenos baldios – revelaram que havia um assentamento indígena localizado em outra região vizinha, o Largo da Ordem. Dessa maneira, a praça não é o local de origem da cidade, já que os colonizadores ocuparam aquele outro ponto por ser estrategicamente mais alto e com melhores recursos. O professor também exhibe um interessante fragmento de cerâmica tupi-guarani com fundo achatado, projetado para ser colocado sobre uma mesa. O formato difere do modelo clássico, de fundo arredondado, anterior ao descobrimento.

Esse tipo de inserção demonstra de forma muito didática e material o processo de hibridização descrito pelos autores anteriormente, pois mostra a forma como as diferentes culturas se fundiram no modo de fazer estético e prático. Por outro lado, o fato dos colonizadores terem criado a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba (primeiro nome da cidade) sobre um assentamento indígena demonstra que esse encontro não foi de forma nenhuma pacífico tal qual as pinturas que povoam o Museu Paranaense querem demonstrar.



Figura 2 – O mapa da época dos descobrimentos para demonstrar a passagem do mundo mediterrâneo para o mundo ameríndio.

Fonte: UFPRTV (2019)

Entre o momento da primeira ideia até a estreia do programa em março de 2019 foram longos quatro anos para o programa ficar pronto. Um período bem extenso que incluiu ainda a gravação da trilha sonora original, a criação de desenhos que serviram de base para várias animações e todo o processo de produção e pós-produção que se seguiu. Logicamente este trabalho foi sendo feito aos poucos em paralelo com todo o cotidiano das tarefas rotineiras da televisão; mas nem por isso deixou de ficar pronto. Foram feitas exposições por parte dos professores para seus estudantes de pós-graduação, que aprovaram o material e ocorreu o lançamento do programa no Youtube na íntegra nesse período. A previsão é que um novo episódio a respeito das religiosidades seja ainda produzida até o final de 2019.

Em uma realidade latino-americana na qual se somam novas questões complexas a cada segundo – às quais são tantas vezes lidas e gerenciadas de maneira simplista pelos governos e meios de comunicação – fazer um produto de divulgação científica que tenta mostrar como o mundo é atravessado por vários hibridismos e hibridações fracassadas por resistências é tentar contribuir com a educação e pensamento crítico dos cidadãos que nos circundam.

A realização deste trabalho só foi possível graças ao encontro híbrido e intercultural do professor Renan Friguetto e das professoras Marcela Lopes Guimarães e

Fátima Fernandes do Nemed com este pesquisador e jornalista audiovisual. Por isso, cabe o parágrafo de agradecimento não só ao Núcleo mas também ao projeto Agência Escola de Comunicação presente no Setor de Comunicação, Artes e Design da UFPR que cria materiais de educação e divulgação científica para toda a universidade. Por fim, cabe também o agradecimento a todos que auxiliaram de alguma maneira à produção deste programa durante os quatro anos de realização no âmbito universitário.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica:** informação científica para cidadania. Ciência da informação, v. 25, n. 3, 1996.

BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil:** os desafios de uma trajetória. In PORTO, C.M., org. Difusão e cultura científica: alguns recortes. Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 113-125.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural.** Madrid: Ediciones Akal, 2010.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EdUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Diferentes, desiguais e desconectados:** mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CASHMORE, Elis. **...e a televisão se fez!** São Paulo: Summus, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer – Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

LINSINGEN, Irlan von; BAZZO, Walter A.; PEREIRA, Luiz T. V. **O que é ciência, tecnologia e sociedade?** In: \_\_\_\_\_. Introdução aos estudos CTS: ciência, tecnologia e sociedade. Espanha: OEI, 2003. p. 119-156 (Cadernos de Ibero-América).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Cartógrafo:** Travessias Latino Americanas da comunicação na cultura. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

SIQUEIRA, D. C. O. **Televisão e divulgação científica.** Revista ComCiência, n.100, 2008. Disponível em: [http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542008000300014&lng=pt&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000300014&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 04/05/2019.